

## Apostando nos riscos: como a *Veja* apresenta o nosso futuro

Betting on the risks:  
how the Magazine *Veja* displays our future

**Ieda Tucherman**

[iedatucherman@gmail.com](mailto:iedatucherman@gmail.com)

Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) e professora e pesquisadora do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Comunicação da ECO-UFRJ.

**Cecilia C. B. Cavalcanti**

Pós-doutoranda na Escola de Comunicação - UFRJ, bolsista FAPERJ/CAPES.  
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ

<sup>1</sup> Este artigo teve a colaboração de Clara Abreu e Eduarda Kuhnert – Graduandas da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) e Bolsistas de Iniciação científica no Grupo de pesquisas de Imaginário Tecnológico (ECO-UFRJ)



Ao citar este artigo, utilize a seguinte referência bibliográfica

CAVALCANTI, Cecília. TUCHERMAN, Ieda. *Apostando nos riscos: como a Veja apresenta o nosso futuro*. In: *Revista Contracampo*, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. Pags: 04-20

**Edição 26/2013**

**Contracampo**  
Niterói (RJ), v. 26, n. 1, abril/2013.  
[www.uff.br/contracampo](http://www.uff.br/contracampo)

e-ISSN 2238-2577

Enviado em: 23 de set. de 2012  
Aceito em: 29 de jan. de 2013

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

## **Resumo**

Este artigo procura refletir o papel dos meios de comunicação, no caso a revista *Veja*, nos nossos desenhos de futuro, nos quais, a sensação de medo derivada da ideia de crise tem presença permanente, tanto na referência às crises econômicas locais e mundiais, quanto à crise ambiental. Dividido em três partes, apresentamos um quadro conceitual seguido de uma amostra quantitativa e uma análise qualitativa, em torno das quais fazemos nossas considerações finais. A hipótese que sustenta nosso trabalho é que a *Veja* se coloca como uma arena que convoca e legitima a cada vez um tipo de saber, um discurso e uma retórica, oscilando entre um pessimismo histérico ou esclarecido, um tom realista ou informativo e um otimismo quase messiânico.

**Palavras-chave:** *Veja*, medo, crise.

## **Abstract**

This article tries to reveal the role of the communications media, in that case, *Veja*, the Brazilian magazine, in our futures profiles, in which the fear sensation, originated by the idea of crisis, has a constant presence, being related to the economical locals and global crisis or being referred to the ambiental crisis. The article is divided in three parts, were we try to show the conceptual table, followed by one quantity sample and a qualitative analysis, and concluded with some of our considerations about those issues. The hypothesis we wish to present is that *Veja* puts itself as the arena which can convenes and legitimate each time a kind of knowledge, a kind of speech and a specific rhetoric. In that way it creates a balance between in a hysterical pessimism, a real informative and realistic pattern or a fanatic optimism.

**Keywords:** *Veja*, fear, crisis.

Parece ser incontestável que o medo é o resultado imediato da sensação da fragilidade do homem diante do mundo. Neste sentido seria uma experiência que apontaria permanentemente para duas condições: a incerteza do universo e a indeterminação do futuro. Na verdade é uma emoção normalmente provocada pela consciência (ou pela fantasia) de um perigo iminente. Quando este medo torna-se coletivo, vemo-lo transformar-se em pânico.

No entanto este medo é tão histórico quanto o são as experiências humanas e sociais; significa dizer que tem uma historicidade própria, não contínua, povoada por momentos de entusiasmo e apaziguamento, quando o medo parece estar num passado já superado, e momentos de terror quando o que parece se apresentar é o ocaso do futuro, na expressão de Octavio Paz no seu discurso de agradecimento pela obtenção do Prêmio Nobel de literatura (1990), ou a desesperança, que seria o seu correlato afetivo.

Podemos começar dizendo que no passado o que identificamos como causas do medo vinham, sobretudo, da natureza que podia se apresentar como excesso, causando enchentes, avalanches, maremotos, terremotos<sup>1</sup> ou como falta, quebra de safras, epidemias, secas continuadas, pragas capazes de destruir as plantações etc. As causas do medo provinham também do sobrenatural, mas não de forma independente; afinal podia-se explicar, e os textos religiosos e míticos fartaram-se de fazê-lo, que as ocorrências de irregularidades da natureza eram resultado do comportamento vicioso dos homens e do castigo que por isto lhes era imputado.

Hoje, ao contrário, as principais causas do medo vêm da presença e da ação do próprio homem e são, para começar, a soma da lembrança dos fatos perpetrados no sangrento século XX, especialmente os que dizem respeito ao Holocausto e sua inadmissível “solução final”, assim como as bombas de Hiroshima e Nagasáqui. Dois momentos em que a vitória do planejamento (porque elas o foram) correspondeu a pior

---

<sup>1</sup> Neste sentido o terremoto de Lisboa foi exemplar porque engendrou no mundo moderno a discussão fundamental entre mal natural e mal social. As posições contrastantes de Rousseau e de Voltaire, que levaram o último à criação do personagem Cândido, como uma ironia com a convicção de Leibniz de que vivemos no melhor dos mundos possíveis são exemplares. Para aprofundar esta apresentação sugerimos o livro de Susan Neiman, O mal no pensamento moderno.

derrota ética do gênero humano. A este desenho traumático vieram a somar-se as crises atuais que, em certa medida, tem sua origem nesta decalagem aí vivida entre o que pode a ciência e o que suporta a história na perspectiva humana.

Neste momento do nosso texto, duas exigências teóricas nos convidam para uma análise mais refinada que tratará primeiro das relações que cada sociedade experimenta entre o seu passado, assimilado como experiência, e o seu futuro, vivido como expectativa. Nosso segundo movimento será inevitavelmente, tentar compreender e apresentar a maneira como estes “afetos do tempo” mobilizam nossa política, já que a tendência que podemos detectar é a de que medo e obediência, que tendem a andar juntos, são os criadores das tiranias.

Dizendo de outro modo e acompanhados por pensadores como Virilio e Rancière, a passagem do medo para o terror institui governos protetores, onipresentes e autoritários, o que verificamos facilmente depois do 11 de setembro nas medidas tomadas, sobretudo, pelo governo americano, mas também assimiladas pelos europeus que tiveram o sentido de transformar cada um que portasse qualquer insignificante diferença num outro, a ser temido e combatido.

Finalmente, e porque nosso corpus de análise é a Revista *Veja*, especialmente consideradas as capas das últimas duas décadas, buscaremos demonstrar como o mundo da comunicação-informação se relaciona com as questões que estamos elaborando. Nossas hipóteses seriam de que as combinações são múltiplas e sutis, ou seja, o que de fato aparece é que a revista se apresenta como uma arena, onde os desenhos de futuro e as decisões políticas são magnificadas.

Tratando do nosso presente, tanto num caso quanto no outro, a revista oferece crise palavra chave dos últimos anos, relacionando-a, sobretudo, com a grande crise econômica de 2008, mas também com a crise climática e a política (incluída a crise ética e social) para em números seguintes oferecer otimismo e credibilidade. Assim, construindo sua sintaxe a revista ocupa um duplo lugar neste jogo: ela é o lugar do diagnóstico correto, da síntese que, considerando a cartografia e as forças envolvidas, identifica o fenômeno e suas causas; mas também é o lócus onde as tendências são antecipadas o que permite que ela funcione como aconselhadora, indicando o melhor caminho ou as melhores defesas, no caso de tentar proteger a saúde, o patrimônio ou até mesmo o planeta.

## Afetos do tempo: conversando com Alquié, Bergson, Foucault e Koselleck

Sabemos que a tripartição do tempo, sua divisão em passado, presente e futuro é uma tentativa metodológica ou ilusória: desde Santo Agostinho, lá se vão tantos séculos, isto é contestado. O bispo de Hipona falava em presentes-passados, presentes-presentes e presentes-futuros, indicando tanto a subjetivação da experiência temporal quanto retomando, por um viés indireto, a ética dos estoicos que propunham uma atenção limitada ao presente, uma vez que o passado não é mais e o futuro não é ainda e, sendo assim, não caberia ao homem nem a tarefa nem a possibilidade de atuar fora do próprio presente.

No entanto, apesar de uma aparente evidência, esta lógica estoica é duplamente contestável. Numa primeira instância por isto que chamamos de afetos do tempo e que podemos sumarizar da seguinte maneira: aquilo que chamamos de passado, também concebido como o espaço da experiência, já se realizou, já foi singularizado. Mesmo que a nossa memória possa refazer este passado a cada nova experiência, “*todo gesto é para sempre*” e mesmo que seja resignificado na elaboração de um novo espaço da experiência, alargado por este gesto ou ação, ele está lá. Por ter esta constituição do já acontecido, temos em relação a ele dois sentimentos opostos e complementares: o alívio diante do que não pode mais surpreender e o remorso, ressentimento ou indignação porque não aconteceu aquilo que deveria acontecer para aumentar o bem estar e a felicidade individual e/ou coletiva; às vezes, ao contrário, os acontecimentos passados chegaram banhados em sangue e injúria.

Já o que conhecemos como futuro é antes um horizonte de expectativas do que um espaço de fatos. Isto interessa sobretudo à nova semântica da história, tal como Koselleck propõe no seu texto fundamental (2006) e à política dos espaços das quais Foucault se fez o novo arquivista. Como tal, se apresenta como um ainda não, mas já potencialmente aqui. Nesta abertura de possíveis dois pares antagônicos e igualmente complementares se fazem presentes: a esperança que ilumina este horizonte e que pertence ao mundo do pode vir a ser, e o medo primordial, já que a única certeza que o futuro traz como informação para os homens é (pelo menos por enquanto) a da própria morte. O segundo par atuante, sobretudo no movimento do presente para o futuro,

apresenta a racionalidade que tenta prever os acontecimentos e escolher as estratégias e o desejo, energia que quer crescer o futuro de intensidade. A modernidade, nosso próximo passado viveu com paroxismo estas tendências: associar uma meta antecipada pela razão, construção evidente no Iluminismo (por isto mesmo também conhecido como Esclarecimento), à liberdade da ação humana.

Uma segunda contestação parece necessária e se relaciona diretamente com a tentativa da lógica da racionalidade de poder prever o futuro, através de uma análise das suas possibilidades calculáveis. Sem precisar mencionar que é certamente uma tentativa de dominar o acaso, e, portanto, também a surpresa, esta predição do futuro cuja tarefa nós outorgamos às ciências, tende a predizer o futuro como se este fosse fixo e único, o que acaba por produzir **um** futuro como atualização da predição, pois é na relação ao que foi antecipado que nós humanos assim como as sociedades reagimos. Outro nome que designaria bem este processo é o de uma sociedade de cálculo de riscos, onde o presente é, antes de tudo, uma tentativa de proteção do futuro. Lembrando-nos da ética dos estoicos para os quais é o presente que existe, o passado e o futuro são opiniões, estamos hoje no ponto máximo de afastamento.

Alguns teóricos como Jean-Pierre Dupuy (2008) chegam a afirmar que o futuro foi, ao mesmo tempo, banalizado e dominado pelas “certezas científicas”. Teríamos hoje uma legião de profetas-cientistas e tecnólogos, nossas vozes autorizadas, proclamando um futuro cada vez mais próximo: as temperaturas, o tráfego nas estradas no dia seguinte, as taxas de inflação, o resultado das eleições etc. Como também são analistas podem, inclusive, deduzir o efeito de um dos resultados do futuro no outro: por exemplo, a eleição de um novo presidente e a alta do dólar (como aconteceu na primeira eleição do presidente Lula) ou o crescimento das economias emergentes e o aumento do preço das commodities em certo prazo. Isto sem mencionar as profecias mais eufóricas (e assustadoras) que chegam do campo das biociências<sup>2</sup>.

Mesmo que seja discutível o tom melancólico que apregoa o fim do futuro, algumas considerações merecem, a nosso ver, atenção. A primeira diz respeito ao fato de que, se são as ciências que preveem e operam o caminho para o futuro, só o seu avanço pode alterar o quadro que elas mesmas apresentam. Temos convivido com o resultado sociopolítico disto quando verificamos tanto na vida cotidiana como na

---

<sup>2</sup> O assunto foi explorado no artigo Tucheran, I., Oiticica, L. e Cavalcanti, C.B.C. – *Revistas Científicas, Mediações e Retóricas: Encontros e Desencontros entre a Mídia e o Biopoder*.

política um estado mais ou menos generalizável de passividade e desinteresse; ou melhor, de pouca ideologia e muito pragmatismo.

A segunda tem a ver com a associação entre ciência, tecnologia e o capitalismo que apresenta ao lado do já citado cálculo de risco, a sua outra face, a especulação. Se o primeiro alimenta as tentativas de proteção, controle e regulação, buscando minimizar os futuros problemas e catástrofes, a segunda, especulação, opera nos mercados futuros buscando lucros; da mesma forma como no cálculo de riscos utiliza mecanismos de proteção. Acontece que nem em um nem no outro caso existe proteção perfeita, sobretudo quando aqueles que operam nestes mercados recebem bônus em função dos resultados obtidos, o que permite que escolham lucros de curto prazo, e/ou alterem balanços e relatórios. E a combinação dos dois vetores, risco e especulação, não parece ser favorável para o que poderíamos imaginar como um futuro generoso<sup>3</sup>.

Ora, onde a ciência torna o seu diagnóstico de futuro público? Onde a política e os saberes tornam convincentes as opiniões e as avaliações? Na mídia, certamente. Já mencionamos em outros textos<sup>4</sup> da associação estreita entre a mídia e a ciência uma vez que a primeira confere a segunda visibilidade necessária para a obtenção de prestígio e patrocínios, enquanto a ciência empresta à mídia sua aura de seriedade e atualidade. Cabe agora inserir o terceiro ator: o poder, ou, se quisermos seguir a terminologia foucaultiana, a governabilidade. Sua tarefa é a de associar às informações as mobilizações para os comportamentos adequados, os que melhor responderem aos diagnósticos apresentados.

Começamos mencionando que o medo gera obediência; em nome de uma prometida segurança preferimos abrir mão de alguns futuros possíveis. Não se trata de ingenuidade: vivemos hoje num universo onde as ameaças se acumulam; mudanças climáticas, catástrofes ambientais, possibilidades de desastres nucleares, ou mesmo do uso de armas nucleares e/ou biológicas, sem falar na violência das metrópoles, e, pelo menos de 2008 para cá na grande crise econômica. Esta talvez seja a última maneira de aprisionar o futuro: a dívida impagável de países, empresas, sociedades e indivíduos,

---

<sup>3</sup> No momento em que estamos escrevendo este texto, está acontecendo um dos ciclos de conferência da coleção *Mutações*, organizado pelo filósofo Adauto Novaes na Academia Brasileira de Letras com a presença de muitos e consagrados conferencistas e tendo por título *O futuro não é mais o que era*. Esta expressão futuro generoso apareceu em mais de uma fala e nós a transformamos, a expressão e o desejo, em também nossa.

<sup>4</sup> Tucherman, I., Oiticica, L. e Cavalcanti, C.B.C. – *Revistas Científicas, Mediações e Retóricas: Encontros e Desencontros entre a Mídia e o Biopoder*

geradora dos milhões de desempregados e de toda uma geração de quem o futuro foi confiscado, assim como a faz causadora da perspectiva sombria da queda do padrão de vida na população idosa<sup>5</sup>, a menos que se concebam mudanças radicais.

## O que chamamos de crise?

Consultando os dicionários que têm inúmeras decantações para a definição de crise, três ideias parecem se impor: ruptura de equilíbrio, fase difícil, estado de dúvidas ou incertezas. São certamente aplicáveis quando pensamos nos três campos que pretendemos apontar, a saber, a crise climática, a crise econômica e a crise sociopolítica ou comportamental. Se buscássemos relacionar cada um dos termos a crise climática seria a presença e o resultado de um desequilíbrio ecológico de imensas proporções cujo foco mais invocado é o aquecimento global como a ameaça mais comprometedora.

A crise econômica seria a atualização de uma fase difícil com a retração das economias no plano mundial, a ameaça do desmantelamento da zona do euro e uma evidente inquietação sobre a natureza desta crise: se esta seria profunda e breve ou se estenderia no tempo, o que parece mais provável, significando que a fase difícil será longa com sérias consequências para os sistemas econômicos e financeiros mundiais.

Para enfrentar as crises, vivemos certamente um momento onde as antigas referências não servem mais de baliza para compreendermos o mundo e a nós mesmos: as aceleradas mudanças tanto no campo tecnológico quanto no campo das ciências da vida puseram sobre suspeita todas as nossas antigas certezas, assim como abalaram os alicerces do que considerávamos como os nossos vínculos mais radicais: as famílias têm novos desenhos, o mundo do trabalho vive em constante transformação e as relações de trabalho são cada vez mais fluidas e flexíveis, gerando uma permanente insegurança. Podemos acrescentar ainda que invertemos o projeto moderno: neste o indivíduo era o elo fraco e o coletivo o que o protegia. Agora, consideradas as informações sobre o cuidado de si, que é apresentado como o gerenciamento de uma empresa com valores inatos e outros adquiridos<sup>6</sup> passamos a viver não apenas numa economia de mercado,

---

<sup>5</sup> Sem entrarmos em detalhes mais sofisticados e pensando nos idosos menos abonados, que vivem de pensões e impostos geridos pelo Estado, a crise impõe, como o fez na Grécia, corte no valor das pensões.

<sup>6</sup> Estamos claramente fazendo referência aos trabalhos de Foucault e ao seu curso O nascimento da biopolítica.

mas também numa sociedade de mercado, onde o cálculo é integrado às decisões sobre a vida cotidiana. Estaríamos, portanto, no centro de uma crise de valores ou de crenças: no lugar de competências teríamos performances.

Refletindo sobre os dois campos e sobre as ligações que buscamos apresentar, não parece descabido dizer que, no limite, o que há em comum é uma crise de crédito. Vale lembrar que, embora o termo seja associado ao campo econômico, crédito vem de acreditar<sup>7</sup>, que expressa uma forma positiva de pensar a relação entre o que há e o que pode haver, entre o real e o possível, entre o hoje e o amanhã. Portanto, a crise é uma crise de confiabilidade, que envolve a descrença em instituições icônicas e na própria governabilidade<sup>8</sup> que não parece competente nem para lidar com desastres climáticos (Katrina), nem com acidentes nucleares (Chernobyl e Fukushima), nem com a crise econômica e seus efeitos sociopolíticos.

Afinal, quando um plano ou um projeto são apresentados, é preciso desenhar alguma imagem de futuro que seja otimista para ser desejável e crível (e aí parece morar o problema) para mobilizar corações e mentes para a sua realização. O efeito desta crise é não apenas a instalação de um ambiente pessimista como a ausência de confiança nos que tomam as decisões que alteram o nosso futuro.

## As “crises” nas capas da *Veja* (Metodologia)

*Veja* é a terceira maior revista semanal de informação do mundo e a “número um” fora dos Estados Unidos. No Brasil, está entre as mais influentes publicações impressas, com circulação de 1.082.897, alcançando 913.656 em assinaturas. Em mais de quarenta anos de história, uma vez que foi fundada no simbólico ano de 1968, *Veja* reposicionou seu design e conteúdo por mais de uma vez, tornando-se o veículo que conhecemos hoje.

Em 2009, a *Veja*, principal revista do Grupo Abril, liberou o acesso a todas suas edições, desde a número 1, publicada em 1968, até os dias de hoje (mais de 2 mil), criando o Acervo Digital<sup>9</sup>, um banco de dados que pode ser considerado fonte primária

<sup>7</sup> Veja-se sobre isto o texto de Marcel Mauss, Ensaio sobre a dádiva

<sup>8</sup> Escolhemos o termo governabilidade a partir das análises de Foucault sobre a biopolítica. Em alguns setores este termo aparece como governança.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

de informações jornalísticas. Aliás, considerando uma nova tendência de pesquisa histórica para a qual as matérias veiculadas pelos meios de comunicação e mesmo os anúncios aí divulgados funcionam como fontes primárias, certamente *Veja*, ao disponibilizar seu arquivo, colocou-se também neste papel.

Neste artigo, nos concentramos na Revista *Veja* das décadas de 90 e 2000, consultando também alguns números expressivos mais recentes (2010/2011/2012), com objetivo de analisar as chamadas de capa, as quais realçassem crises políticas, econômicas e ambientais. Escolhemos as capas por razões evidentes; primeiro porque representam a escolha feita pela editoria do que deve ser considerada a matéria mais importante e/ou o “recado” mais contundente para o leitor. O segundo motivo tem a ver com a atração que as capas podem produzir quando expostas nas bancas de jornal naqueles leitores que não são assinantes e nos quais que uma capa expressiva, acompanhada de uma legenda igualmente bem elaborada podem despertar o interesse.

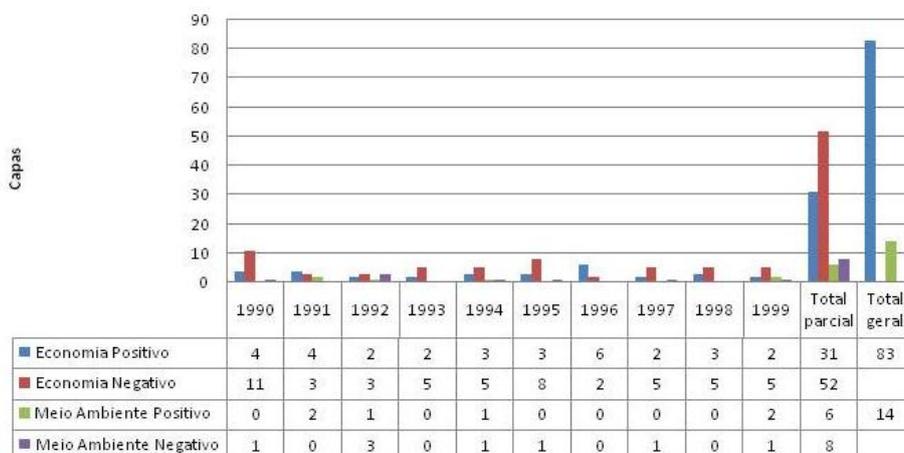
Como proposta de metodologia, decidimos, em primeiro lugar, realizar uma análise quantitativa das capas que abordaram as crises propostas para análise tais como foram anunciadas no texto (Fig. 1). Em segundo lugar, empreendemos uma análise qualitativa, a fim de contrastar o tom destas matérias (Fig. 2), seguindo as seguintes categorias

- as matérias refletem na realidade o medo ancestral que compromete o futuro com uma volta ao passado, no qual o feitiço supera o feiticeiro e seriam, portanto, pessimistas ou mesmo catastróficas;

- se há um tom otimista, de um futuro recompensador se certas medidas forem tomadas no presente ou,

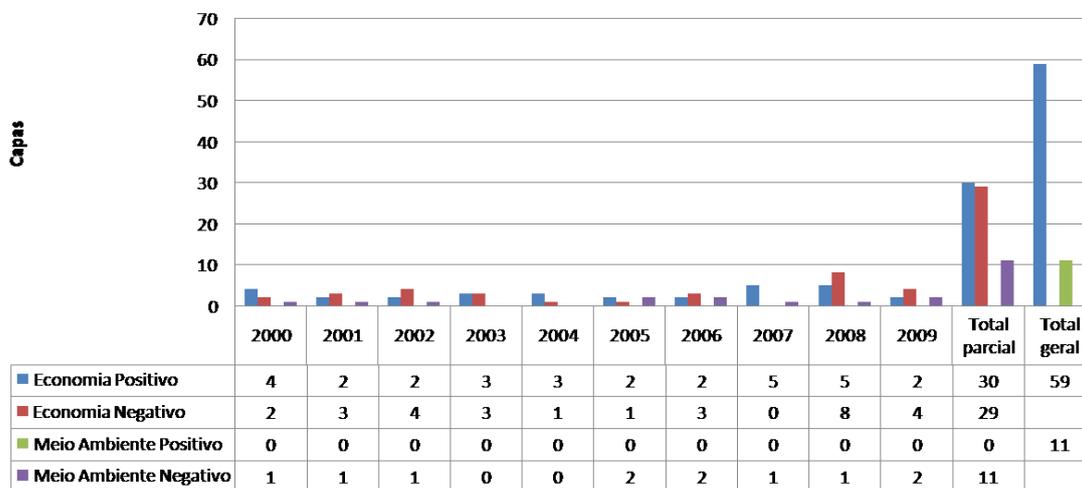
- se houve uma análise realista do presente, demonstrando cenários diferentes no passado e simulando as possibilidades no futuro.

**Crise e medo - matérias economia e meio ambiente - anos 90**



**Figura 1 - Crise e medo – matérias economia e meio ambiente – anos 90**

**Crise e medo - matérias economia e meio ambiente - anos 2000**



**Figura 2 - Crise e medo – matérias economia e meio ambiente – anos 2000**

Neste sentido, com o material selecionado por esse recorte, buscou-se classificar cada reportagem da forma mais objetiva possível, tanto quanto ao tema quanto ao tom do discurso, quando chegamos às seguintes categorias: messiânico/ catastrófico, positivo/ otimista ou realista/informativo.

Tais termos parecem ser muito fortes e provocar reações adversas, no entanto, é fácil justificá-los: messiânicos seriam os textos eufóricos que parecem absorver o tom religioso que fala do fim de um mundo finito para um mundo de outra natureza. Catastróficos são os textos distópicos complementares; estes falam do fim do mundo ou de um futuro turbulento; positivo/ otimista seria o caso de um tratamento que acredita no sucesso das pesquisas e de suas consequências, mas não perde o bom senso; realistas são os que fazem aparecer as contingências políticas e institucionais das análises de pesquisas e estatísticas e aqueles que esclarecem e analisam as relações ente o campo científico e o campo social; informativos são os que buscam se restringir a passar informações, que constituem uma notícia (Tucherman e Cavalcanti, 2010). Ainda encontramos em algumas matérias misturas curiosas de otimismo e pessimismo se revezando, quase parágrafo a parágrafo, fazendo um balanço que o senso comum poderia chamar de “*morde e assopra*”. Nestas parece mais visível a postura da revista de ser o lugar que evidencia o jogo entre o real e o possível.

### **Veja: Os números da crise**

Nos anos 90, as matérias de economia somaram 83 edições, contra 14 sobre meio-ambiente. Quanto ao tom das matérias, as duas editoriais somaram mais reportagens de forma pessimista/negativa (52 – economia e 8 – meio-ambiente).

Este período no Brasil foi marcado, sobretudo, pela primeira eleição democrática para a Presidência da República, após 30 anos de ditadura militar. Talvez por isso, as 11 primeiras edições do ano 1990 foram sobre a política econômica do Governo Collor, sendo que a esperança figurou apenas nas três primeiras edições de 1990. Mesmo assim, nunca esteve sozinha: numa destas edições, a 1112, de 10 de janeiro de 1990, a matéria sobre Collor e os possíveis caminhos econômicos do país no início da década de 1990 parecia emitir, a todo tempo, uma ameaça. Um aviso de “a qualquer momento podemos quebrar” ou ainda “os problemas e as complicações simplesmente não acabam”. O interessante, porém, é perceber que, ao mesmo tempo em que aterroriza, a revista faz questão de frisar que em Collor e seu futuro ministério está a nossa maior esperança.

Na sequência, a edição 1122, de 21 de março de 1990, estampava na capa o confisco da poupança, com a seguinte manchete em tom catastrófico: “*O dinheiro sumiu*”

– *Collor toma posse, baixa um confisco geral e deixa o país em estado de choque*” (Fig.3).



**Figura 3-** Edição de 21 de março de 1990 – “O dinheiro sumiu – Collor toma posse, baixa um confisco geral e deixa o país em estado de choque”.

Quanto à questão ambiental, o marco foi a Conferência das Nações Unidas para o Meio-ambiente-Rio-92 e o Desenvolvimento Sustentável que apareceu em apenas duas edições (22/04/92 e 3/06/92). A primeira - *“Poluição e desenvolvimento – A grande briga da ECO 92”*, alertava para a possibilidade de não haver acordo entre os chefes de Estado. Entretanto, a segunda edição - *“O mundo se encontra no Rio – Estrelas, temas e brigas da maior conferência ecológica da história”*, fazia crer que o encontro seria um sucesso. Novamente vemos uma alternância no próprio título da capa, assim como o contraste com a referência anterior.

A Era FHC (Fernando Henrique Cardoso) começa com a implantação do Plano Real, recebido com desconfiança e descrédito, como demonstra a matéria de capa da edição de 28/06/95, *“Para onde vai o Real”*. O tom pessimista vai compor a retórica jornalística deste período, com algumas matérias positivas - *“Como ganhar dinheiro no Brasil do Real”*. (7/02/96), acompanhadas de chamadas de Comportamento relacionadas: *“Quais são as profissões do futuro e onde estão os melhores salários”*; *“Funções em alta e em baixa”*; *“Onde estão as boas oportunidades de negócios”*.

A década termina com a retórica positiva nas duas editorias. Na edição de 30/06/1999 e 18/08/1999, o tom messiânico é observado tanto nas matérias *“Xingu”* quanto na *“A classe média negra”*. A *Veja* começava, aparentemente, a apostar no futuro.

## A virada do milênio

O século XXI começa cheio de esperanças e incertezas, pelo menos nas páginas da *Veja*. Ou seja, novamente teremos alternâncias de perspectivas, análises e retóricas. As capas de economia somaram 62 e meio-ambiente, 11 edições. Apenas uma matéria sobre meio-ambiente foi classificada como positiva: *“Salvar a Terra: como essa ideia triunfou”* (24/10/2007). As demais tiveram tom pessimista-catastrófico como, *“Amazônia até quando?”* (22/11/2000), *“A Terra no limite”* (12/10/2005), *“Os sinais do apocalipse”* (21/06/2006) (Fig.4) e *“Estamos devorando o planeta – água, carne, peixe: o mundo já consome mais do que a Terra pode oferecer”* (16/12/2009). Cabe lembrar que, em 2005, foi divulgado o relatório do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change, sigla em inglês), com simulações de futuros possíveis com o aquecimento global. Neste mesmo ano, fenômenos naturais foram considerados catastróficos e consequências das mudanças climáticas, como o Furacão Katrina e a seca na Amazônia<sup>10</sup>.



Figura 4 - Edição de 21 de junho de 2006 - “Os sinais do apocalipse”

A economia deste período foi retratada ora com tom otimista ora pessimista. Enquanto a crise econômica mundial dava seus primeiros sinais em 2007, o Brasil vivia uma economia positiva, com a moeda forte frente ao dólar (*“Como aproveitar o real*

---

<sup>10</sup> Curiosamente, se no campo dos meios informativos houve uma resistência a aderir à discussão sobre o aquecimento global, no campo das outras formas de comunicação aconteceu o oposto. Vários programas apresentados em canais televisivos produziram excelentes programas sobre o tema. A ficção cinematográfica, atraída pela força das imagens destes fenômenos também os usou e mesmo abusou. E, finalmente, tivemos o emblemático, Uma verdade inconveniente, que concedeu ao ex-vice-presidente Al Gore, no mesmo ano de 2005, o prêmio Nobel da Paz e o Oscar de melhor documentário.

*forte: dólar em queda barateia viagens, compras, estudos no exterior e muda (para melhor) o rosto da economia”. 18 de abril de 2007).*

Este quadro muda a partir de maio de 2008, com as primeiras capas que interpretavam aquele período com dúvidas e reticências. A nosso entender, a edição de 4 de junho de 2008 “*Ele abriu os olhos*” (Fig.5) marca bem o medo da volta da inflação e o período de “vacas magras”.



**Figura 5** - Edição de 4 de junho de 2008 - “Ele abriu os olhos”

O final da década nas capas da *Veja* prevê futuros dúbios. Na capa de 16/09/2009, a reportagem “*Nasce o mundo pós-crise*” (Fig.6), mostra uma grande análise sobre como ficará a economia mundial na opinião de renomados economistas, os mesmos que não previram o começo da crise. Os depoimentos variam:

- ✓ “*A demanda por investimentos nos EUA continuará fraca (...)*”  
Edmundo Phelps, Nobel de Economia de 2006.
- ✓ “*As finanças americanas devem passar por uma profunda reforma (...)*” Edward Prescott, Nobel de Economia de 2004.
- ✓ “*O Brasil e os outros grandes países emergentes alinharam-se, nos últimos anos, a boas práticas de política monetária e fiscal*” John Taylor, Professor da Stanford.
- ✓ “*A economia americana verá agora uma recuperação no setor privado (...)*” Alan Meltzer, Professora da Universidade de Carnegie Mellon.

A década termina anunciando: “*O ano zero da economia sustentável*” (30/12/2009) (Fig.7).



Figura 6 - Edição de 16 de setembro de 2009 – “Nasce o mundo pós-crise”



Figura 7 - Edição de 30 de dezembro de 2009 - “O ano zero da economia sustentável”

## Considerações finais:

Mesmo verificando a predominância do tom pessimista e a ênfase nas catástrofes que efetivamente alimentam o medo (talvez agora seja melhor agora falar em pânico), parece que o estilo da *Veja*, como o da maior parte dos meios de comunicação de grande tiragem, aposta mais no provocar a sensação e a decorrente busca de proteção, do que numa análise por parte dos leitores.

Neste sentido, o que chama bastante atenção é o fato de não vermos associadas com frequência as relações entre os dois campos problemáticos cuja natureza hoje é o que torna o nosso presente mais complexo. Afinal, sabemos que parte substancial da crise ambiental surgiu de um modelo econômico ligado especialmente a um incentivo permanente ao consumo como modo de garantir o crescimento. No Brasil temos um

excelente exemplo desta contradição quando o Governo decide diminuir os IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) para os automóveis, favorecendo poluição e engarrafamentos.

Esta discussão sobre o modelo econômico vigente, necessária a nosso ver, que deveria implicar num esforço criativo para pensar numa outra forma de equacionar economia e qualidade de vida e de futuro, não se faz visível na *Veja*. Nem vemos sugerida uma análise consistente sobre o que parece ser hoje uma mudança de eixo no espaço das decisões mundiais, agora incorporadas aos países pertencentes ao grupo dos BRICS. Na verdade, como o modelo da *Veja* é intermitente, cada número apresentado-se como arena temporária, o aprofundamento da visão e da problematização fica comprometido e, de repente, cada futuro é um novo agora.

## Referências bibliográficas

Acervo Digital Veja - <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

ALQUIÉ, Ferdinand - *Le désir d'éternité*, Paris, Presses Universitaires de France 1990.

DUPUY, J.P, *Postface: de l'oeil du cyclone ao point fixe endogène*, in *Dans l'oeil du cyclone*, Coloque de Cerisy, Paris, Carneds Nord, 2008

KOSELLECK, R. – *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contracampo: Ed. PUC-Rio, 2006.

FOUCAULT, M. – *O Nascimento da Biopolítica*, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NOVAES, Adauto, org. - *Ensaio sobre o medo*, São Paulo, Editora Sesc, 2007.

NEIMAN, Susan - *O mal no pensamento moderno: uma história alternativa da filosofia*, Rio de Janeiro, Difel, 2003.

TUCHERMAN, I., OITICICA, L. e CAVALCANTI, C.B.C. – *Revistas Científicas, Mediações e Retóricas: Encontros e Desencontros entre a Mídia e o Biopoder*. Em: *Pesquisa Empírica em comunicação*. Orgs. José Luiz Braga, Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Luiz Claudio Martino. São Paulo, Paulus/Compós, 2010.

TUCHERMAN, I.; CAVALCANTI, C.C.B. - *Um novo gênero cinematográfico: o documentário catástrofe*. Revista FAMECOS, v. 35, p. 39-45, 2008.